

Arena pública na internet em defesa da universidade pública no Brasil: Estratégias de #UERJResiste

Public Arena on the internet in defense of the public university in Brazil: Strategies of #UERJResiste

(EN: 83-109)

André Tropiano *

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neiva Vieira da Cunha **

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

DOI: 10.33167/2184-0644.CPP2021.VVIIN2/pp.111-138

RESUMO

Sob o paradigma da sociedade em rede proposto por Castells (2003), observamos que as redes sociais na internet são importantes veículos de dramatização das cenas públicas. Os movimentos sociais em rede mobilizam seus esforços para fomentar e equilibrar o debate público a seu favor. Neste artigo objetivamos compreender como as estratégias de comunicação da página #UERJResiste no Facebook, em defesa da Universidade do Estado do Rio de

Artigo recebido a 03/09/2020 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial a 27/11/2020.

* Mestre em Educação, Cultura e Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (PPGECC/FEBF-UERJ). Membro do Núcleo de Estudos sobre Periferias (NESPE/FEBF-UERJ). Relações Públicas e Jornalista.

E-mail: andretropiano@yahoo.com.br ORCID: 0000-0001-5717-2733

** Doutora em Antropologia pelo PPGSA/IFCS-UFRJ, Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DCFE/FEBF-UERJ) e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC/FEBF-UERJ), Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Periferias (NESPE/FEBF-UERJ), Pesquisadora Associada do Laboratório de Etnografia Metropolitana/LeMetro/IFCS-UFRJ, do Centre d'Etudes des Mouvements Sociaux/CEMS e do Instituto Nacional de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT InEAC/UFF).

E-mail: neivavieiradacunha@gmail.com ORCID: 0000-0001-9136-1546

Janeiro – UERJ), se apresentaram como uma arena pública (Cefaï, 2017a, 2017b) no período de janeiro a abril de 2017. Dentro do percurso metodológico foram levantadas 266 postagens, através das quais imergimos na descrição etnográfica (Laplantine, 2004) do movimento social. Também foi realizada uma entrevista com um dos administradores da página, de maneira a entender como são produzidos os conteúdos e compor uma análise situacional. Como resultado, identificamos quatro categorias que se constituem também como estratégias de comunicação e que nomeamos como: políticas midiáticas, discursos do resistir, partilhas educativas e poéticas da identidade. Diante dos discursos de privatização da Educação no país e os ataques à sua autonomia e aos seus profissionais, entendemos o movimento #UERJResiste como protagonista de uma importante narrativa a ser divulgada, refletida e discutida em defesa da universidade pública brasileira. Entre as principais contribuições deste estudo está a reflexão sobre os movimentos sociais em rede sob uma perspectiva etnográfica de uma arena pública. Destacamos também uma compreensão da comunicação estratégica nas dinâmicas cívicas, ressaltando a importância da autonomia das universidades para a consolidação democrática e a participação cidadã.

Palavras-chave: movimentos sociais em rede, arenas públicas, comunicação estratégica, resistência, etnografia

ABSTRACT

The important dramatization of public scenes through social media can be observed within the paradigm of the Networked Society proposed by Castells (2003). Networked social movements mobilize their efforts to foster and balance public debate in their favor. In this article, we aim to understand how the communication strategies on #UERJResiste Facebook page in defense of the State University of Rio de Janeiro – UERJ – was presented in this public arena (Cefaï, 2017a, 2017b), in the period from January to April, 2017. 266 posts were collected to outline an ethnographic description (Laplantine, 2004) of the social movement. An interview was also held with one of the page's administrators to understand how the content is produced in order to compose a situational analysis. As a result, we identified four categories that also constitute communication strategies: media politics, discourse of resisting, educational shares, and poetics of identity. In view of the privatization discourses of education and the attacks on its autonomy and its professionals, we understand #UERJResiste as a protagonist with an important narrative to be disseminated, reflected, and discussed in the defense of the Brazilian Public University. Among the main contributions to this study are networked social movements from an ethnographic perspective of a public arena. We also highlight an understanding of strategic communication in the civic dynamics, rebounding the importance of the autonomy of universities for democratic consolidation and citizen participation.

Keywords: networked social movements, public arenas, strategic communication, resisting, ethnography

1. Introdução

No Brasil, o ano de 2017 foi marcado por uma profunda crise financeira do governo do estado do Rio de Janeiro, em que uma das grandes prejudicadas foi a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, considerada uma das melhores

universidades do país, segundo o *Center for World Universities Ranking*.^[1] A UERJ aparece na 8.ª posição entre as melhores instituições do país, sendo a segunda no contexto do Rio de Janeiro. Diante disso, muitos movimentos de contestação se engajaram na luta em defesa da universidade, tendo sido a página do Facebook intitulada #UERJResiste um dos símbolos dessa luta.

Este artigo tem por objetivo compreender o papel da página #UERJResiste nessa arena pública (Cefaï, 2017a, 2017b). Para tanto, no percurso metodológico foi adotado o método da descrição etnográfica (Laplantine, 2004) e da etnografia digital (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011; Hine, 2004). A partir de uma entrevista com um dos administradores da página #UERJResiste no Facebook e da experiência dos pesquisadores como observadores engajados, foi feita uma análise situacional da arena pública e das estratégias de comunicação da página. Para compreender os fenômenos abordados foram trabalhados os conceitos de arenas públicas (Cefaï, 2011, 2017a, 2017b, 2019), movimentos sociais em rede (Castells, 2003, 2016, 2017), luta pelo reconhecimento (Honneth, 2013) e comunicação estratégica (Kunsch, 2018; Zeffass, Verčič, Nothhaft & Werder, 2018).

Poucos estudos têm se debruçado sobre as organizações associativas, principalmente no campo da comunicação. Por isso, uma das contribuições deste artigo é relacionar os estudos de movimentos sociais em rede e de arenas públicas como importantes vetores para entender esses fenômenos contemporâneos. Compreendemos que a comunicação estratégica é prática fundamental para engajar lutas pelo reconhecimento nas democracias e que deve ser utilizada pelos movimentos sociais para equilibrar o poder e terem seus problemas solucionados nas arenas públicas.

2. Enquadramento teórico

2.1 Movimentos sociais em rede, arenas públicas e democracia

Entender a sociedade contemporânea implica uma compreensão contextual de uma conjuntura dos eixos econômicos, culturais, políticos e sociais, que perpassam informações, inseguranças, instabilidades e fluxos nas redes sociais que são características da sociedade em rede (Castells, 2003, 2017). Com o aprimoramento dos dispositivos tecnológicos móveis, que adquirem características ubíquas e pervasivas, não há como firmar fronteiras entre a vida presencial e a vida *online*. Christine Hine (2004) propôs a etnografia digital como possibilidade para entender as sociabilidades contidas nesse fenômeno que ela denominou de *everyday internet* (internet cotidiana, em livre tradução). Dessa forma compreende-se que os lugares

1. Disponível em: <http://www.uerj.br/noticia/uerj-melhores-universidades-brasil-al-mundo/>. Acesso em: 21/08/2020.

digitais e físicos não são dicotômicos ou antagônicos, mas espaços próprios de sociabilidades totalmente integrados às nossas experiências de vida em sociedade.

Como em todo o momento de mudanças profundas nos cotidianos e modos de vida da sociedade, principalmente aqueles associados às políticas de austeridade do capitalismo neoliberal, os movimentos sociais se tornam elementos fundamentais para alavancar transformações sociais. Nos últimos anos, observamos inúmeras manifestações de protesto e mobilizações sociais originárias da degradação econômica e de uma crise de legitimidade dos governantes ao redor do mundo. Os protestos são uma forma de resposta àqueles que acreditavam numa apatia das sociedades em relação às políticas de Estado. Essas formas de manifestação têm sido analisadas por diferentes autores, a exemplo de Isabel Babo (2018), que refletiu sobre a relação entre os conceitos de ação coletiva e ação conectada a partir de uma perspectiva pragmática ao analisar o movimento *Que se Lixe a Troika*, em Portugal (2012). E também por Fabio Malini & Henrique Antoun (2013), que analisaram as redes digitais como parte do processo na relação entre os ciberativismos e as manifestações públicas de rua.

A questão que se coloca como fundamental nesse debate é a necessidade de que seja garantida a liberdade de expressão para que se possa atuar politicamente por meios das redes digitais. Manuel Castells (2017) entende que a internet ultrapassa a dimensão utilitária, criando condições de sobrevivência e deliberação desses movimentos, além de resguardar a repressão dos espaços físicos, mantendo a eferescência da comunicação das ideias enquanto as mudanças ou ações políticas são decididas. Ele também acredita que a difusão de usos positivos da internet passa pelo desenvolvimento de uma cultura de autonomia, baseada no fortalecimento da democracia.

Essa expressão pública de debates acontece no que chamamos de esfera pública, conceito consagrado pelo filósofo alemão Jürgen Habermas, compreendido por ele enquanto uma dimensão mediadora entre o Estado e a Sociedade, o lugar em que se desenvolve e se consolida a opinião pública por meio da liberdade dos debates políticos. Então, a existência da esfera pública está condicionada ao funcionamento pleno da democracia.

Entre o procedimentalismo de Habermas e o republicanismo de Arendt, o filósofo Axel Honneth (2001) aponta a teoria democrática de John Dewey como uma terceira alternativa para a visão liberal sobre política. Para John Dewey (2016 [1927]) a democracia é tida como um modo de vida, uma expressão comunitária, afastando-se do entendimento de Habermas sobre esfera pública. Dewey faz a distinção entre a democracia enquanto uma ideia social e a democracia política como um sistema de governo, revelando suas conexões, sobretudo numa visão das relações humanas. Segundo o autor, o governo existe para servir à sua comunidade,

mesmo que dentro de formas democráticas marcadas por doutrinas e mesmo que estas sejam transitórias. Assim, as mudanças nos mecanismos democráticos devem ser tomadas levando em consideração o interesse do público e, para que isso aconteça, é prioridade que sejam viabilizados meios de participação.

A reunião de um público múltiplo, disperso no sentido de se reconhecer e expressar seus interesses é uma dificuldade para a participação, por isso os movimentos sociais assumem grande importância. Para John Dewey (2016 [1927]) é uma ficção achar que a vida social acontece sem nenhuma forma de associação, refutando a ideia de que a sociedade precise se organizar de maneira numérica para a formação de uma ordem estatal. Sendo um modo de viver, a democracia deve ser fomentada por uma cultura democrática em todas as esferas de vida, se valendo das instituições como vetores importantes da ação democrática e da liberdade. Nesse caso, a comunicação livre tem papel fundamental para que sejam solucionados os problemas de forma inteligente.

De acordo com Daniel Cefaï (2017a, 2017b), a resolução de problemas é ponto fundamental para entender a concepção pragmática de público em John Dewey. O público constitui a articulação das demandas por resoluções conjuntas de problemas comuns, sendo a esfera política um meio cognitivo que ajuda a sociedade a resolver seus problemas de ação social, unindo racionalidade e sensibilidade. Os públicos são redes de ações, eles são verbos atravessados por relações de força e por lutas de poder (Self, 2015; Cefaï, 2019). É comum que se contraponha a esfera pública à privada, porém na perspectiva pragmática elas não têm uma relação fixa, pois se relacionam em função do engajamento. Os lugares não são públicos, mas tornam-se e deixam de o ser conforme o engajamento dos públicos (Cefaï, 2019).

Para Dewey (2016 [1927]) não há dualismo Estado-Sociedade Civil, pois é por meio da comunidade que os dois se constituem simultaneamente, sendo a comunidade a pura associação humana com a liberdade e o cerne da democracia radical. A construção da cidadania participativa se dá através da educação e da cooperação, num movimento que faz transformar a grande sociedade em grande comunidade. Desta forma destaca-se o papel das escolas, universidades, teatros, jornais e tantos outros aparatos de promoção de um espírito público que tem sua origem na era de ouro do pragmatismo (início do século xx). Daniel Cefaï (2017a) afirma que essas instituições constituem uma ecologia institucional, jurídica e política que criam constelações de experiências, discursos e ações que se cruzam, se interpenetram, se segmentam, se opõem e se equilibram em torno do bem público ou para evitar um mal público. Essa dinâmica dá forma ao que ele chama de arena pública.

Entendemos, então, que as arenas são experiências coletivas de construção de políticas públicas e de experiências democráticas, que podem ser um tanto conflituosas, mas que fazem parte do processo político quando se constroem novas pos-

sibilidades de um mundo comum e justo. Desta forma, concordamos com Cefai (2017a, p. 131), quando diz que «(...) os problemas públicos são movimentos sociais cujos membros reconstruem fatos, lançam-se em investigações, analisam dados oficiais, buscam elementos de comparação, testam hipóteses e agem em consequência.»

2.2 Lutas por reconhecimento e comunicação estratégica para mudança social

As lutas sociais são causadas por rupturas decorrentes de experiências de desrespeito, ou seja, os indivíduos não reconhecidos almejam as relações intersubjetivas do reconhecimento. Essa mobilização política acontece somente quando esse desrespeito expressa a visão de uma comunidade. A lógica dos movimentos coletivos, então, segue a seguinte gramática: desrespeito, luta por reconhecimento e mudança social (Honneth, 2003).

Desta forma, entendemos que a internet, por meio das redes sociais, é hoje um espaço público de disputas simbólicas importantes que pautam a vida cotidiana. Não é raro que, em meio a tantas demandas sociais presentes no Brasil, predominem os temas de discussão das redes sociais, que ganham protagonismo também diante do cenário cultural. De alguma forma, estamos diante de novos movimentos sociais nessa cultura digital que disputam espaço em relação às questões econômicas e contestam os poderes e imperialismos globais, processo no qual a comunicação estratégica ganha importância.

Charles Self (2015) analisa a relação entre a teoria de John Dewey e a comunicação estratégica, entendendo que os comunicadores são figuras que vão facilitar o processo de constituir o público por meio do compartilhamento e aprendizado das experiências, conectando participantes e promovendo seus discursos como ação. Compreender a vida dos públicos passa sobretudo por ações que os inserem em ecologias (Cefai, 2019, p. 25). Ou seja, numa perspectiva de arena pública (Cefai, 2017a, 2017b), a comunicação ou ação comunicativa é parte importante na investigação contínua do problema, na descoberta de soluções e na avaliação compartilhada dos resultados, visando agir coletivamente e com dispositivos institucionais.

Zerfass, Verčič, Nothhaft e Werder (2018) traçam um panorama da última década sobre as pesquisas em comunicação estratégica na Europa e nos Estados Unidos, argumentando que ela engloba toda a comunicação, a sobrevivência e sucesso sustentado da organização, buscando assim uma abordagem da comunicação estratégica como campo de pesquisa com objeto e perspectivas específicos. Para os pesquisadores, a comunicação estratégica pode ser definida como:

Strategic communication encompasses all communication that is substantial for the survival and sustained success of an entity. Spe-

cifically, strategic communication is the purposeful use of communication by an organization or other entity to engage in conversations of strategic significance to its goals. (Zerfass et al., 2018, p. 8)^[2]

Cheryll Soriano (2015) e Mohan Dutta (2012) apontam que a teoria e prática da comunicação estratégica ainda estão focadas nas organizações corporativas e no governo. Eles destacam também a perspectiva crítica das Relações Públicas que amplificou o debate sobre a capacidade das organizações em resistir à dominação e controle do poder. Eles traçam caminhos pós-coloniais para que venham à tona vozes de resistência nas mais variadas formas de organização coletiva ao redor do mundo. Nesse mesmo caminho, Sônia Sebastião e Daniela Vila Verde (2018) analisam a experiência dos ativistas lesados de bancos portugueses a partir da teoria pós-moderna de relações públicas, salientando que as associações criadas pelos ativistas desenvolvem suas ações sem apoio profissional da área, mas com uma ação comunicativa que chama a atenção das mídias, inserindo suas demandas no debate público.

Para Margarida Kunsch (2018), o poder da comunicação e das mídias é objeto de estudo de diversos estudiosos, sendo o paradigma da comunicação estratégica inerente à transformação da área de pesquisa e prática das relações públicas. A pesquisadora indica ainda que é preciso superar a visão mecanicista e instrumental da área para assumir um paradigma interpretativo e crítico da comunicação organizacional. Para alcançar os objetivos de comunicação é preciso construir uma visão humanista, que procure entender como as pessoas se comunicam entre si nos meios interativos e nas práticas comunicativas cotidianas dos relacionamentos interpessoais.

Assim como Manuel Castells (2003, 2016, 2017), entendemos que os meios de comunicação funcionam como formas de poder, sendo necessária a sua regulação e a inserção dos movimentos sociais nas disputas narrativas produzidas, seja nas mídias corporativas ou nos *sites* de redes sociais. Torna-se importante conhecer as formas de funcionamento das redes, suas sociabilidades, possibilidades de engajamento, de disseminação e mobilização no cotidiano dos movimentos sociais, que têm sua relevância pública sustentada pelas suas formas de comunicação. Então, a comunicação estratégica é uma prática fundamental para que os movimentos sociais consigam produzir cenas públicas que chamem a atenção do público até que obtenham a resolução dos problemas experienciados nas arenas públicas.

2. «A comunicação estratégica engloba toda a comunicação que é substancial para a sobrevivência e sustentação do sucesso da entidade. Especificamente, comunicação estratégica é o uso da comunicação por propósito por uma organização ou outra entidade para engajar estratégias significativas de conversações para as suas metas.» (livre tradução)

3. Metodologia

No desenvolvimento deste estudo foi adotada a observação engajada, seguindo as definições da descrição etnográfica de François Laplantine (2004), de etnografia digital de Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011), compondo o que Daniel Cefaï et al. (2011) denominaram de etnografia da vida associativa. A opção pela etnografia se dá pela importância da reflexividade sobre o método e a experimentação que deve estar alinhada aos desafios e às questões que emergem no campo de pesquisa, importantes na construção da análise proposta. Como o campo possui característica híbrida, entre *online* e *offline*, seguimos as recomendações de Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 178) em diferenciar as formas de coleta de dados e observação ao indicar as variações de ambiente.

Daniel Cefaï et al. (2011) destacam três elementos presentes nos estudos de arenas públicas: análise situacional com observador engajado nos enredos; sensibilidade à dimensão simbólica, mítica, ritual e dramática face às experiências individuais e coletivas dos atores; recusa em dissociar os questionamentos culturais dos sociais. Sendo assim, é importante compreender a singularidade do que é observado, sem uma tendência avaliadora ou prescritiva, mantendo-se numa posição crítica em relação ao que é observado e, por isso, adotando a forma de narração.

A partir das abordagens teóricas aqui apresentadas, nossa intenção de pesquisa foi concretizar os seguintes objetivos: compreender como se organiza/mobiliza/age o movimento social e suas relações; identificar como o problema aparece e se relaciona com a opinião pública; e analisar como se apresentam as estratégias de comunicação da página. Para tanto, foi realizada uma entrevista com um dos moderadores da página de #UERJResiste, o Prof. Renê Forster, que transcorreu no dia 27 de março de 2018. Na Tabela 1 apresentamos as principais questões abordadas enquadradas em quatro eixos principais: origem e composição do grupo, relacionamento com outros atores, benefícios e limitações dos *sites* de redes sociais (plataforma) e futuro da página.

Na Tabela 2 apresentamos um desenho da pesquisa, que se constitui a partir da entrevista e das experiências dos pesquisadores enquanto observadores engajados e implicados no objeto de estudo, numa análise situacional da crise da UERJ, da arena pública sobre autonomia da universidade e das postagens da página #UERJResiste no Facebook. Elencamos os conceitos utilizados em relação aos objetivos de cada técnica empregada.

TABELA 1. Questões abordadas na entrevista

ENTREVISTA PROF. RENÊ FORSTER	
PONTOS CENTRAIS	QUESTÕES
Origem e composição do grupo	Como surgiu a página?
	Escolha do nome e da imagem?
	Quem trabalha na produção dos conteúdos?
	Qual o objetivo?
Relacionamento com outros atores (imprensa, UERJ, ASDUERJ, outras associações e internautas)	Como foi a relação com a imprensa/mídia corporativa?
	Como foi a relação com a comunicação institucional da UERJ/ASDUERJ?
	Como é a interação com internautas?
	Houve colaborações na produção de conteúdo?
Benefícios e limitações da plataforma	Quais as condições do Facebook para mobilização social?
	Quais são as influências do algoritmo para a página?
	Como é a relação entre a interação presencial e <i>online</i> quando convocam alguma ação?
Futuro da página	Quais são os planos para o futuro?
	Pensa em migrar para outros sites de redes sociais? Quais?

Fonte: elaboração própria.

TABELA 2. Desenho da investigação

CONCEITOS					
TÉCNICA	Arenas públicas	Movimentos sociais em rede	Luta pelo reconhecimento	Comunicação estratégica	
Experiência dos pesquisadores como sujeitos de pesquisa	Entrevista	Compreender como se agem, compartilham, constroem experiência.	Compreender como se organizam.	Verificar quais são as dores, injustiças, lutas mobilizadas.	Compreender como são adotadas as estratégias de comunicação.
	Análise situacional	Identificar as dinâmicas do problema público e suas relações com as organizações.	Evidenciar o papel da mobilização nas ações públicas.	Compreender a relação de injustiças e a legitimação.	Evidenciar a importância da relação entre a mídia e os movimentos sociais.
	Análise da página do Facebook	Evidenciar o papel da página na produção de cenas públicas.	Compreender como se organizam.	Compreender como são construídos os discursos na página.	Elencar as estratégias de comunicação adotadas.

Fonte: Elaboração própria.

Para análise das postagens da página de #UERJResiste utilizamos o *Netvizz*, desenvolvido por Bernard Rieder no contexto do *Digital Methods Initiative* (DMI).

Com o aplicativo, extraímos uma planilha das postagens realizadas pela página #UERJResiste, contendo data, texto postado, *link* das imagens e o *link* direto da postagem, além dos dados estatísticos das reações, comentários e compartilhamentos. A partir daí analisamos todas as postagens acessando *link* por *link*, desde 1.º de janeiro a 9 de abril de 2017, que totalizaram 266 postagens, sendo 194 fotos e 72 vídeos. O recorte temporal da pesquisa corresponde ao período em que a UERJ ficou fechada, momento em que houve maior atenção do público em relação ao problema. O dia 9 de abril é o dia anterior ao anúncio de retorno das atividades da universidade. A disposição dos conteúdos pelo seu formato (fotos, vídeos e textos) pode ser observada na Figura 1, já os dados de interações com a página na Figura 2.

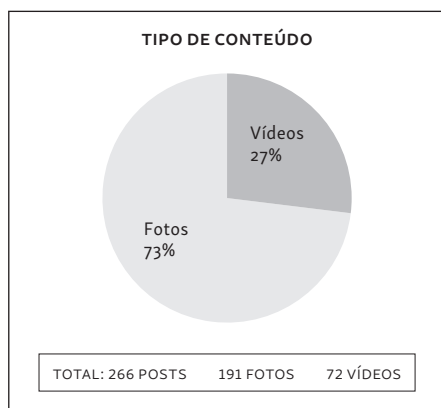


FIGURA 1. Dados por tipo

Fonte: Elaboração própria.

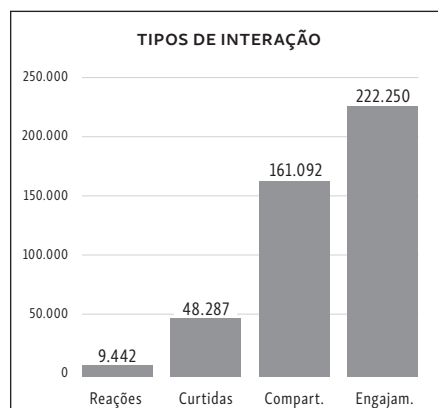


FIGURE 2. Dados de interação

Fonte: Elaboração própria.

Num primeiro momento analisamos e codificamos cada postagem, enquadrando-as em alguma das categorias que emergiram do material analisado, provenientes de determinados padrões e similaridades. Em um segundo momento, ao analisar mais profundamente o material buscando traduzi-lo de maneira mais objetiva e completa, reagrupamos cada tipo de postagem em quatro categorias. Cada categoria foi nomeada segundo as características das suas postagens, num processo de reflexão e diálogo constante, em que foram intituladas como Políticas Midiáticas, Discursos do Resistir, Partilhas Educativas e Poéticas da Identidade.

Essa categorização, apresentada na Figura 3, não deve ser entendida como uma limitação ou aprisionamento de cada conteúdo analisado, pois eles podem ocupar

mais de uma categoria ou noção e possuem conexões, proximidades e fronteiras muito flexíveis. Com essa divisão, compreendemos que essas noções também tomam significado enquanto estratégias de comunicação da página.



FIGURA 3. Categorias/noções das estratégias de comunicação

Fonte: Elaboração própria.

4. Resultados

Os resultados foram divididos em três aspectos: análise situacional da crise na UERJ, a arena pública sobre autonomia da universidade e das estratégias de comunicação da página #UERJResiste no Facebook, sendo essa última *online*. Nossa intenção é fazer o leitor imergir nesse universo que não pretende ser uma totalidade, mas que, por meio da decodificação desses dados, oferece uma visão sobre o #UERJResiste como uma arena pública.

4.1 Análise situacional da crise na UERJ

O sucateamento da Educação Superior no Brasil não é uma novidade, mas há que se ressaltar que o ataque nunca havia sido tão frontal quanto no período em questão. O contexto de 2017 deve ser entendido a partir das tensões políticas das eleições de 2014, que reelegeram a presidente Dilma Rousseff. Seu mandato foi interrompido por um *impeachment* em 2016, quando chegou ao Palácio do Planalto um presidente ilegítimo, Michel Temer, com novas propostas de governo fundadas na privatização de empresas públicas. No Rio de Janeiro, o governador Luiz Fernando Pezão, também do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), estava envolto em um mar de corrupções.

O final do ano de 2016 foi marcado por uma moção do Conselho Universitário da UERJ (Consun) que pedia a realização de novo pleito eleitoral, tendo em vista os casos de corrupção denunciados envolvendo governadores do estado. O ano de 2017 começa sem nenhuma previsão ou garantia do governo do estado de financiamento da UERJ, o que leva a reitoria a suspender as atividades da universidade em função do estado de insalubridade provocado pela falta de recursos. O fechamento poderia inviabilizar uma manifestação mais contundente, porém os *sites* de redes sociais foram ferramentas decisivas na mobilização, uma vez que potencializaram a conexão e compartilhamento entre as pessoas na rede para construir suas discussões (Castells, 2017).

Nessa análise situacional criamos um mapa mental (Figura 4), em que configuramos visualmente uma ecologia dos públicos (Cefaï et al., 2011; Cefaï, 2019) que mostra como se articularam as formas de mobilização coletiva, os estados da opinião pública e os dispositivos de ação pública (Cefaï et al., 2011). Optou-se por mostrar os antagonismos à parte, pelo fato de como esses atores produziram cenas públicas antagonônicas à UERJ. Porém convém destacar que não pensamos que os antagonismos aconteçam de maneira isolada, pois permeiam as várias cenas públicas geradas.

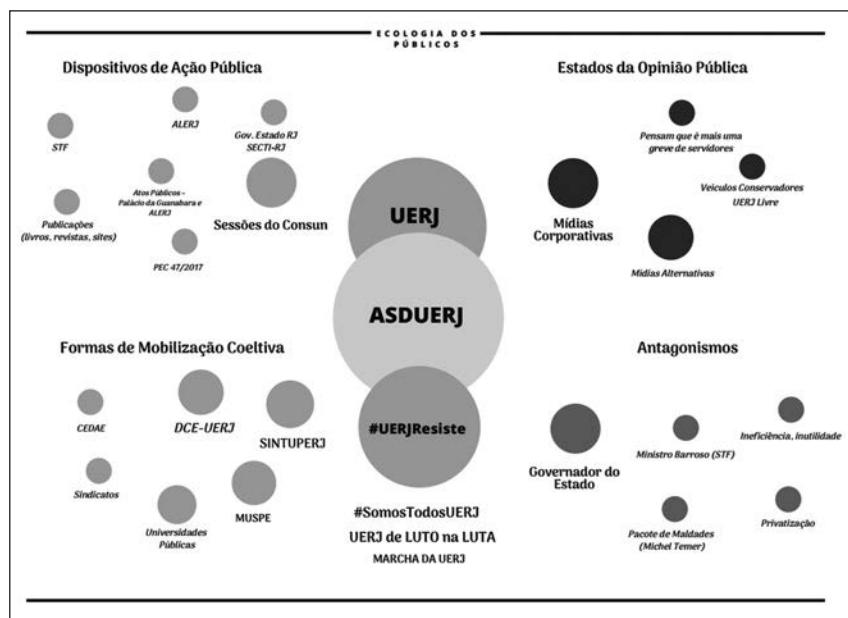


FIGURA 4. Ecologia dos Públicos do #UERJResiste

Fonte: Elaboração própria.

Sobre as formas de mobilização coletiva, observamos o #UERJResiste como um regime de publicização vinculado à Associação Docente da UERJ (ASDUERJ), que se mostra por uma diferente performance pública, pois cria-se um novo caráter institucional, até mesmo dentro de uma nova dinâmica de organização que não está diretamente ligada à instituição sindical, conforme relato de nosso interlocutor que abordaremos na próxima seção deste trabalho. Focalizamos, dessa forma, a ASDUERJ unida à universidade como figuras centrais para entendermos os caminhos percorridos na luta pelo reconhecimento. Durante esse período, foram convocadas campanhas como #SomosTodosUERJ, UERJ de LUTO na LUTA e a Marcha da UERJ, além dos diversos atos públicos na Assembleia Legislativa (ALERJ), na sede do governo do estado (Palácio Guanabara) e nos vários *campi* da universidade.

A própria grafia do #UERJResiste como uma *hashtag*³ revela essa intenção de se constituir enquanto uma ação que se propaga e gera engajamento num movimento simbiótico entre internet e as ruas, conforme abordado por Malini e Antoun (2013). A opção por habitar essas comunidades digitais por meio dos *sites* de redes sociais é útil no compartilhamento de informações e de ideias para a construção de conhecimento acerca do tema em debate, buscando produzir serviços de comunicação que geram valores e confiança entre os internautas e também para que se convertam em manifestações públicas (Castells, 2017). Essa publicidade gerada pela página também atrai a atenção da mídia corporativa, o que pode contribuir para a produção de novas cenas públicas.

Evidenciamos igualmente a relevância da atuação do Diretório Central dos Estudantes (DCE-UERJ) e do Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Públicas Estaduais do Rio de Janeiro (Sintuperj) em todas as mobilizações e apoio a ações nas redes sociais em defesa da UERJ. Apoiadores externos à universidade também se envolveram de maneira fundamental na luta que se sucedeu, tal como o Movimento Unificado dos Servidores Públicos Estaduais (MUSPE), as universidades públicas e as empresas públicas estaduais como a CEDAE (companhia de água e esgoto). Na configuração dessa arena pública não poderiam deixar de fazer parte as instituições e organizações da sociedade civil, partidos políticos, deputados, juízes e tantos outros atores que se engajaram nas discussões sobre a universidade pública.

Nos estados da opinião pública vimos a relação direta com a mídia e a maneira como as associações são apresentadas como público e forjam essa opinião sobre os problemas. Uma das primeiras formas de comunicar com a população sobre o

3. As *hashtags* são sempre iniciadas com o símbolo “#” e cumprem um papel primordial na organização, localização e busca de assuntos na web semântica, principalmente nos sites de redes sociais.

problema foi por meio das mídias corporativas, sobretudo televisivas, a exemplo da Rede Globo, Bandeirantes, SBT, Record e TV Brasil. Essa relação com as mídias corporativas nem sempre são produtivas, o que causa uma repulsa de movimentos sociais, em geral, pelo interesse desse tipo de cobertura midiática. Mídias alternativas como a revista Fórum e a Carta Capital mantiveram um constante acompanhamento e veiculação de notícias sobre a situação. Outras páginas no Facebook vinculadas à comunidade acadêmica também cobriram a situação, entre as quais destacamos uma página conservadora chamada UERJ Livre que se opõe às decisões da reitoria.

Pelo fato de que a UERJ já vinha de uma sucessão de descasos, desde 2016, uma das questões que instigavam uma nova onda de cobertura midiática era a situação do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), o que se transformou numa controvérsia para o movimento. Na primeira semana de 2017, uma notícia contava sobre a tentativa do governo do estado de desvincular a folha de pagamento dos salários do HUPE do restante das unidades da UERJ, numa estratégia de inviabilizar as contestações dos servidores. Diante da situação, foi convocada uma sessão especial do Consun para o dia 6 de janeiro, tendo sido emitida uma carta ao governador informando da possibilidade de interrupção das atividades. Essa carta foi publicada na página do #UERJResiste, bem como tantos outros documentos que foram emitidos ao longo desse período, no que entendemos que a página também funcionou como uma mídia e formadora de opinião no Facebook. Essas notícias que vinham da mídia sobre o governador também foram construindo os dispositivos de ação pública.

A representação construída pela mídia mostrava sempre o sofrimento individualizado de servidores e estudantes, contrapondo ao descaso do governo do estado. A figura do governo federal aparece nas negociações de um regime de recuperação fiscal para o Estado, que foi chamado pelos movimentos sociais de «Pacote de Maldades». O discurso de privatização ronda muitas opiniões, inclusive do ministro do STF e professor da UERJ, Luís Roberto Barroso, em que escreveu um artigo para o jornal *O Globo* com o título «Por um novo modelo para financiar a universidade»^[4], em que sugere a privatização.

Fazemos referência também a muitos preconceitos lançados sobre a universidade pública como um lugar de uma elite perversa, de libertinagem, de uso de entorpecentes, de improdutividade e ineficiência, que muitas vezes confundem e desinformam o debate público sobre as funções e propósitos da instituição.

4. Disponível em <https://oglobo.globo.com/opiniao/crise-na-uerj-reacende-debate-sobre-universidade-gratuita-20806568>. Acesso em 20/08/2020.

Quanto à ação coletiva, ela é levada judicialmente visando a aprovação da PEC 47/2017, que visava regulamentar a autonomia financeira da UERJ, cujo debate foi sendo dissolvido de várias formas, ao longo dos anos, culminando na crise insustentável. Durante todo o período de crise houve uma judicialização dos processos e muita luta na rua, na ALERJ e Ministério Público. Outra frente também buscou apoio no Congresso Nacional e no STF.^[5]

Nesse jogo de poder entre a dependência e a autonomia em relação ao governo do estado, existem inúmeras questões políticas e de interesse que fazem manter essa dependência. Uma vez que a universidade consiga gerenciar seu orçamento e suas questões financeiras, ela promove um papel importante na instituição de relações mais democráticas, se consolidando enquanto importante e determinante arena pública na sociedade. O governador, então, recorre a uma disputa política em que coloca a UERJ como algoz das contas, sendo um peso que é sustentado pelo contribuinte.

Também houve uma interlocução com a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI-RJ), que foi fortemente prejudicada por não ter suas demandas atendidas, pois o governo do estado deu prioridade ao pagamento de servidores das Secretarias de Educação, de Saúde e de Segurança Pública.

4.1 Arena pública sobre a autonomia da universidade

A crise do governo do estado descortinou uma face que há mais de três décadas passou despercebida ou inexpressivamente discutida, que foi a autonomia administrativa e financeira da UERJ. Nesse contexto, essa questão ganhou palco e vem sendo discutida ao longo dos últimos anos. Com o avanço de ações judiciais em curso efetivadas pelos legisladores, conforme abordado por Ribeiro (2019), podemos vislumbrar um horizonte de autonomia para as universidades públicas do estado do Rio de Janeiro, que não se resume no repasse financeiro dos duodécimos, mas também na construção de seus orçamentos de maneira própria. A universidade não pode estar à mercê de uma política de governo, pois é uma das cinco entidades autônomas, conforme assegura o artigo 207 da Constituição Federal do Brasil (1988).

Na Figura 5 podemos observar como se constitui essa arena pública, apontando os processos que foram desencadeados pelos públicos para resolução dos problemas experienciados.

5. Disponível em https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/uerj-vai-recorrer-ao-stf-autonomia-financeira-para-obrigar-rj-a-repassar-verba.ghtml?fbclid=IwAR2pwFpZ-IMNoOwWcTX5OJgg_9HHnBP-tgo-jRNyBzL-QooU_4tGPOxfec6g. Acesso em 23/01/2020.

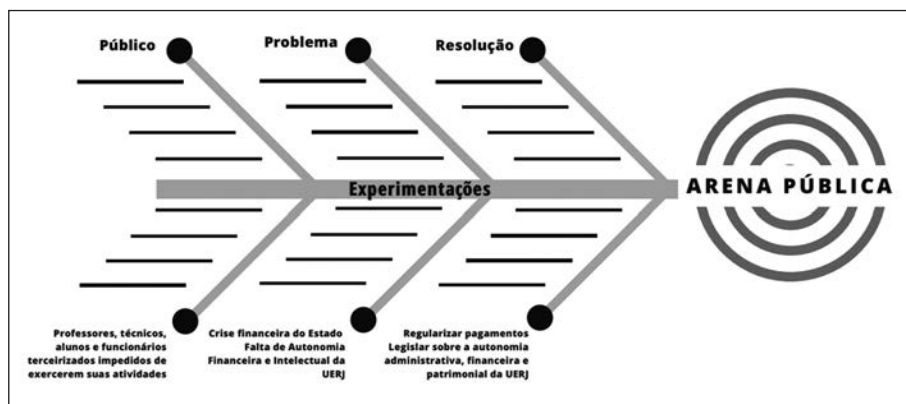


FIGURA 5. Quadro da arena pública sobre a autonomia da Uerj

Fonte: Elaboração própria.

Observamos na análise situacional que o público se constituiu a partir do problema da crise financeira gerada pelo governo do estado do Rio de Janeiro, que deixa de arcar com seus compromissos junto a seus servidores, o que impede o funcionamento da UERJ. A partir disso, as organizações associativas engajam seus dispositivos de ação para resolução do problema apresentado. Entendemos que o problema para a ASDUERJ se trata da falta de autonomia da universidade, que será solucionado quando forem regularizados os pagamentos de salários e dos serviços da UERJ, bem como da legislação sobre essa autonomia, para que a universidade possa construir seu orçamento e fazer suas escolhas com independência.

A partir daqui abordaremos as questões tratadas durante a entrevista com o Prof. Renê Forster, para entender o papel do #UERJResiste, bem como suas estratégias de comunicação nessa arena pública. Forster conta que a criação da página surgiu de uma necessidade observada por membros da ASDUERJ em comunicar de maneira homogênea o que estava acontecendo com a universidade tanto para o público interno quanto externo à UERJ. A criação se deu pelo Conselho Diretor da ASDUERJ, sendo colocada como uma ferramenta de comunicação. A página foi concebida como um reflexo das pautas da associação sindical, conforme trechos da entrevista contidos nas Figuras 6 e 7, que versam sobre a origem e a organização do grupo que administra a página de #UERJResiste.

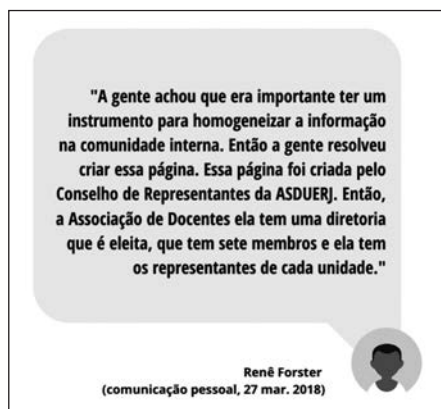


FIGURA 6. Origem da página

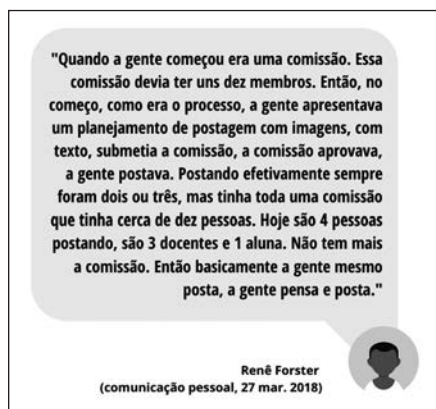


FIGURA 7. Composição e organização do grupo

O Prof. Renê Forster não é da área de comunicação, mas demonstrou conhecimentos concretos sobre as sociabilidades nos *sites* de redes sociais, destacando preocupação com horários de audiência, volume de conteúdos diários e o monitoramento das opiniões circundantes nas mídias. A página também contou com o apoio de colaboradores internos, tal como professores e alunos de várias unidades acadêmicas que enviaram fotos, vídeos, *links* de notícias, relatos, que auxiliaram na manutenção de conteúdos da página.

Entendemos que a estratégia de manter uma página dita apartidária, sem identificar se é feita por um sindicato ou pela universidade, mantém certa independência em seu posicionamento e ganha credibilidade fundamental com a imprensa. Aliada a estratégia de expansão da *hashtag*, que é postada indistintamente, foi criado um verdadeiro mosaico nas redes sociais que colocou a resistência da universidade pública como tema favorável para debate também na mídia corporativa.

Sobre o relacionamento com outros participantes da arena pública da qual o #UERJResiste faz parte, destacamos que a mídia corporativa buscou a página como uma porta-voz da universidade, conforme Forster salientou na entrevista (Figura 8). A questão da visibilidade é observada como variável conforme os assuntos são mais fomentados ou visibilizados na arena pública, ou seja, se há alguma incerteza sobre o funcionamento da universidade ou se é deflagrada greve de algum movimento social da comunidade. O grupo não demonstrou interesse em explorar outras possibilidades para além da tentativa de mobilização durante os períodos mais críticos (Figura 9).

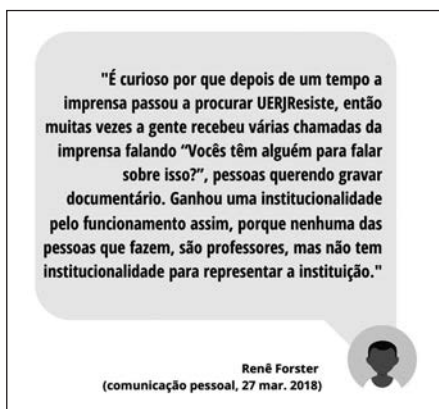


FIGURA 8. Relacionamento com a imprensa

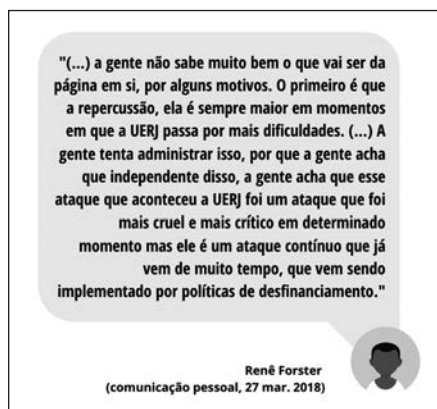


FIGURA 9. Limitações do Facebook

Apesar do relato na Figura 9, Renê Forster afirma que os ataques à Educação pública são permanentes e sistemáticos, o que o faz manter alguma comunicação na página para futuras mobilizações, porém ele também destaca a problemática da plataforma algorítmica do Facebook para engajamento político. O monopólio dessas grandes corporações da internet sobre os dados pode se converter em vigilância e comprometer as democracias ao redor do mundo, o que gera a necessidade de regulação, conforme sugere Castells (2016). Outra preocupação é sobre a instabilidade e falta de transparência do algoritmo do Facebook para estabelecer estratégias que se convertam em mobilização na rua, conforme ele aponta nas Figuras 10 e 11.



FIGURA 10. Benefícios versus limitações



FIGURA 11. Futuro da página

4.3 Estratégias de Comunicação da página #UERJ no Facebook

A página do #UERJResiste (Figura 12) foi criada em 28 de janeiro de 2016 e atualmente conta com mais de 68 mil seguidores.⁶⁾ Numa comparação com outras páginas relacionadas à universidade, conseguimos perceber seu alcance. Por exemplo, a página oficial da UERJ conta com 96 mil seguidores, a UERJ da Depressão com 83 mil, a ASDUERJ com 20 mil, a DCE-UERJ com 19 mil. Importante destacar que durante o período estudado, o ano de 2017, as demais páginas tinham números inferiores aos consultados recentemente, inclusive a página oficial da UERJ, que passou a ter uma frequência de postagem maior a partir do referido ano.

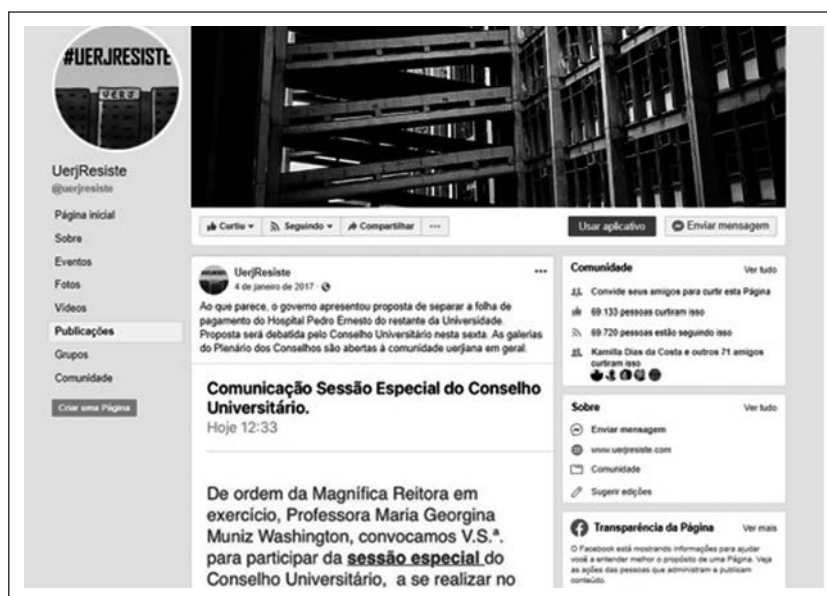


FIGURA 12. Visão geral da página em 04/01/2017

Fonte: UerjResiste, 2017.

Para facilitar a compreensão de como foram organizadas as estratégias de comunicação da página, criamos um quadro em que identificamos as características e objetivos das postagens quanto a sua forma e seu conteúdo, salientado o que consideramos significativo em cada categoria.

6. Dados conferidos em 23/08/2020.

TABELA 3. Classificação das estratégias de comunicação pelas características e conteúdo produzido e seus destaques.

	ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO			
	POLÍTICAS MIDIÁTICAS	DISCURSOS DO RESISTIR	PARTILHAS EDUCATIVAS	POÉTICAS DA IDENTIDADE
OBJETIVO	Informar	Criar vínculos	Fazer refletir	Construir identidade
CARACTERÍSTICA/FORMA	Informativos, re-postagens da mídia corporativa	Persuasivos, conteúdo autoral	Reflexivos, conteúdo autoral	Depoimentos, re-postagens de internautas
CONTEÚDO	Divulgação de eventos, notícias, funciona como uma mídia do movimento	Moções e declarações de apoio	Reflexões sobre a situação da universidade	Depoimentos da comunidade uerjana ^[7]
	Ações de mobilização	Manifestações de personalidades artísticas, políticas, intelectuais, sambistas	Voz de especialistas, ponto de vista sobre os assuntos	Construção de identidade coletiva
	Cobertura de eventos	Manifestações de apoio a outras causas sociais	Reflexões sobre questões sociais ligadas diretamente às causas da universidade	Sentimento de Pertencimento
	Republicação de telejornais, jornais e revistas, personalidades políticas	Dramatização de cenas públicas	Questionamentos, possibilidades de diálogos	—
DESTAQUES	24 eventos realizados no período, personalização de foto e capa	Relação com o samba, apoio aos servidores da CEDAE e ao MTST	Lançamento do Livro <i>Hoje eu Acordei pra Luta</i> , Sequência de Vídeos «Como o governo trata a UERJ»	Campanha #SouUERJ

4.3.1 Políticas midiáticas

Dentre os conteúdos publicados nessa estratégia estão as repostagens das mídias corporativas, que ocorreram principalmente entre TVs, jornais e revistas. Por exemplo, foram postados vídeos referentes ao jornalístico regional da TV Globo, RJTV, no mês de março, nos dias 9 e 10, que tiveram grande quantidade de comentários e compartilhamentos. Eles tinham a presença da Prof. Tânia Carvalho Netto (que concedeu diversas entrevistas) e do Reitor da UERJ. Apesar da visibilidade dessas postagens, a cobertura midiática gerou grande controvérsia, conforme citado na análise situacional.

Importante destacar que os administradores da página organizaram o «ato *show*» Viva UERJ!, que aconteceu na Concha Acústica da universidade, em 14 de

7. Gentílico adotado pela comunidade da Uerj.

fevereiro de 2017. Outros eventos importantes foram divulgados, como o UERJ na Praça, cujo objetivo era mostrar as atividades de pesquisas e de laboratórios na Praça Maracanã, buscando aproximar a universidade da sociedade, tendo sido feito também em Duque de Caxias, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), onde recebeu o nome de FEBF na Praça. Outros exemplos foram o Blocato^[8] «Atocha que importa», ESDI Aberta e UERJ na Porta do Pezão. Nesses eventos foi utilizada como recurso a troca da foto do perfil da página e da capa (Figura 13) como uma estratégia de personalização do perfil.



FIGURA 13. Personalização do perfil da página

Fonte: UerjResiste, 2017.

4.3.2 Discursos do resistir

O slogan «UERJ de LUTO na LUTA» foi amplamente difundido nas ações empreendidas, faixas pretas foram estendidas nos atos, caixões dispostos com o nome da UERJ, coroas de flores e tantos outros elementos relacionados a dramaturgia da dor, do sofrimento, da opressão operada pelo governador do estado.

As postagens também destacaram a forte conexão da universidade com o samba. Por conta de o período analisado incluir o Carnaval, ressaltamos que a mobilização se transformou em festa e a tristeza deu espaço temporariamente à alegria.

8. Junção de bloco de carnaval e ato como manifestação política.



FIGURA 14. Divulgação do evento Bloco Popular Fora Temer

Fonte: UerjResiste, 2017.

Em 9 de abril, um dia antes do retorno das aulas na UERJ, a página publicou um vídeo do ator Mateus Solano (Figura 15), destacando a importância da universidade e chamando a população a apoiá-la. No vídeo, o ator da Rede Globo, consagrado em diversas novelas do horário nobre, diz em um trecho da sua fala: «[...] A UERJ é um símbolo de esperança, esperança de que a vida pode ser melhor pela Educação, esperança de que todos podem chegar à universidade. Mas parece que o governo do estado e o governo federal não sabem disso. Estão tentando sufocar a UERJ.» A postagem teve mais de 79 mil compartilhamentos, mais de 2,4 milhões de visualizações e 707 comentários, sendo a postagem mais visualizada da página no ano de 2017.

4.3.3 Partilhas educativas

O primeiro *post* que consideramos educativo foi realizado no dia 14 de janeiro e tem como título «Por que gratuita?» (Figura 16), em que promove uma reflexão sobre a importância de se ter uma universidade pública, gratuita e plural. Essa é uma das questões centrais da página, por isso a postagem é feita no momento imediatamente posterior ao seu fechamento temporário, em 10 de janeiro. O texto serve para elucidar a situação da universidade nesse momento, bem como apresenta dois



FIGURA 15. Vídeo do ator Mateus Solano

Fonte: UerjResiste, 2017.

links de reportagens da TV Brasil e da TV Record (site R7). A imagem da rampa de passagem entre os blocos com o fundo e janelas iluminadas pode ser facilmente reconhecido como a UERJ e oferece um tom dramático e instigante.

Toda publicação e publicização nos *sites* de redes sociais é uma forma de compartilhamento, sobretudo as que propõem reflexões e engajamento em ações políticas. Mas nem toda informação se propõe a ser educativa. Ou seja, a aprendizagem torna-se colaborativa e contínua, e se baseia, sobretudo, no diálogo e na mediação das visões de mundo e na experiência vivida por cada indivíduo envolvido no processo educativo, dando espaço de fala e escuta, buscando a comunicação como princípio e não a domesticação.

Destacamos nas Figuras 17 e 18, uma sequência de vídeos em que se explica a crise se aproximando de situações do cotidiano dos cidadãos. Os vídeos têm 50 segundos e trazem metáforas que relacionam o governo do estado a um trabalhador de uma loja e a uma dona de casa, por exemplo.

4.3.4 Poéticas da identidade

Essa categoria se destaca pelo nome da *hashtag* usada na primeira dessas postagens (#SouUERJ), que deixa evidente a existência e o reconhecimento de uma identidade e de um pertencimento coletivo, o qual entendemos como uma construção de identidade, ou seja, uma poética da identidade.



FIGURA 16. Post «Por que gratuita?»

Fonte: UerJResiste, 2017.



FIGURA 17. Vídeo “Como o governo trata a UERJ” – Dona de Casa

Fonte: UerJResiste, 2017.



FIGURA 18. Vídeo “Como o governo trata a UERJ” – Lojista

Fonte: UerJResiste, 2017.

É importante notar que a ação ocorreu em aparente simultaneidade, pelo menos no momento em que foi printada ou copiada a tela, pois aparentemente na medida em que as pessoas postavam usando essa *hashtag*, a página já captava a imagem e repostava, levando um intervalo de 6 a 24 minutos nessas cinco primeiras postagens. Nas Figuras 19 e 20 observamos duas publicações que foram feitas pela página.

Por meio da análise dessas postagens pudemos sintetizar a produção de algumas características que perpassam todos os textos. Entendemos que essa síntese nos proporciona algumas pistas para a formação de uma identidade do movimento #UERJResiste, da qual extraímos as seguintes características: resistente, comunitária, relacional, afetiva, notável, periférica, de luta, potente e unida. De uma maneira



FIGURE 19. Aluna posta #SouUERJ

Fonte: UerJResiste, 2017.

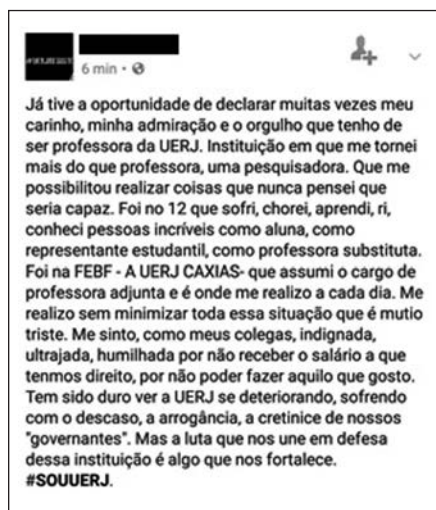


FIGURE 20. Professora posta #SouUERJ

Fonte: UerJResiste, 2017.

geral, entendemos que a estratégia adotada pelo perfil #UERJResiste de reproduzir as postagens realizadas com o uso da *hashtag* #SouUERJ passa pela construção de sujeitos com vivências diferenciadas, mas que convergem para uma identidade coletiva, que ressalta a importância de preservar a universidade pública.

5. Conclusões

Esta investigação pretendeu compreender o papel de #UERJResiste na arena pública para enfrentar os ataques desferidos pelo governo do estado e convencer a opinião pública pela sua defesa, principalmente durante os três primeiros meses de 2017.

Por meio de uma entrevista com um dos administradores de #UERJResiste (Renê Forster) e das experiências dos pesquisadores como sujeitos implicados na pesquisa foi construída uma análise situacional em que desenhamos uma ecologia dos públicos (Cefaï, 2017a, 2017b). Nessa ecologia identificamos os principais atores nessa arena pública e, por meio da descrição etnográfica (Laplantine, 2004), mencionamos algumas cenas públicas que foram dramatizadas nos principais veículos de comunicação do país. A partir da análise da página do Facebook de #UERJResiste pudemos compreender como o #UERJResiste agiu e mobilizou participantes e a opinião pública por meio de estratégias de comunicação nomeadas por: políticas midiáticas, discursos do resistir, partilhas educativas e poéticas da identidade.

É importante destacar que as pautas de #UERJResiste foram atendidas e consolidadas, e um caminho de democratização do orçamento da universidade vem sendo traçado desde 2019. Apesar do questionamento de nosso interlocutor sobre a transparência e eficácia do Facebook para os movimentos sociais, a página continua ativa. Destaca-se, assim, o papel importante da comunicação nos movimentos sociais por meio dos *sites* de redes sociais, que são espaços privilegiados para conectar as pessoas, compartilharem sua indignação e se motivarem a construir projetos alternativos para si e para a sociedade (Castells, 2017).

Por se tratar de um estudo mais generalista, é possível que sejam feitas análises mais específicas sobre as situações, relações e organizações abordadas. Além dessa limitação, é importante observar que não foi nossa intenção realizar um levantamento sistemático da mídia e nem de todos os personagens participantes, inclusive os que permanecem nas “sombras” das cenas públicas, o que certamente contribuiria para entender um ressurgimento ou reativação dessa arena pública. Para esse tipo de análise seria necessário despender um tempo muito superior na participação do cotidiano da ASDUERJ. Deixamos, assim, possibilidades para que novos estudos tragam novos entendimentos sobre a situação da luta pela universidade pública no Brasil.

Por fim, observamos uma crescente circulação de ideias reacionárias e autoritárias, que buscam inviabilizar a educação pública de maneira gratuita, plural e diversa. Isso fica ainda mais latente ao considerarmos as ações políticas posteriores ao período estudado, que demonstram a fragilidade que a democracia brasileira sofre para se manter enquanto um sistema de governo que atenda aos anseios da população. Por isso acreditamos na importância dos movimentos sociais em rede como possibilidade de reaprendermos e fortalecermos os ideais democráticos. Nesse sentido, a universidade pública é um elemento fundamental para o desenvolvimento social, tecnológico e econômico, para a soberania nacional, a inclusão social, diminuição das desigualdades sociais, para a melhoria das condições sociais de maneira geral e aprimoramento da própria democracia. Com esses ataques sistemáticos, a universidade pública deverá se preparar, utilizando de maneira assertiva a comunicação estratégica diante dos desafios autoritários e neoliberais vigentes na América Latina.

Referências

- Babo, I. (2018). Redes, ativismo e mobilizações públicas. Ação coletiva e ação conectada. *Estudos em Comunicação*, 27(1), pp. 219-244. doi:<http://doi.org/10.20287/ec.n27.v1.a14>
- Castells, M. (2003). A galáxia da internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar.
- Castells, M. (2016). *O poder da comunicação*. São Paulo: Paz e Terra.

- Castells, M. (2017). *Redes de indignação e de esperança: Movimentos sociais na era da internet* (2.^a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Cefai, D. (2017a). Públicos, problemas públicos, arenas públicas: O que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). *Novos estudos CEBRAP*, 36 (1), pp. 187-213. doi:<https://dx.doi.org/10.25091/s0101-3300201700010009>
- Cefai, D. (2017b). Públicos, problemas públicos, arenas públicas: O que nos ensina o pragmatismo (Parte 2). *Novos estudos CEBRAP*, 36 (2), pp. 129-142. doi:<https://dx.doi.org/10.25091/s0101-3300201700020007>
- Cefai, D. (2019). Publicidades: Um argumento pragmatista. *Estudos de Sociologia*, 1(25), 9-44. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/243753>
- Cefai, D. et al. (Eds.). (2011). *Arenas públicas: Por uma etnografia da vida associativa*. Niterói: EdUFF.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (1998). Brasília. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- Dewey, J. (2016). *The public and its problems*. Athens: Ohio University Press.
- Dutta, M. J. (2012). *Voices of resistance: Communication and social change*. West Lafayette, USA: Purdue University Press Books. Disponível em: https://docs.lib.purdue.edu/purduepress_ebooks/23
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulinas.
- Hine, C. (2004). *Etnografia virtual*. Tradução por Cristian P. Hormazábal. Barcelona: Editorial UOC.
- Honneth, A. (2001). Democracia como cooperação reflexiva: John Dewey e a teoria democrática hoje. In J. Souza (Ed.). *Democracia: Novos desafios para a teoria democrática contemporânea*. Brasília: UnB.
- Honneth, A. (2003). *Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34.
- Kunsch, M. (2018). A comunicação estratégica nas organizações contemporâneas. *Media & Jornalismo*, 18(33), pp. 13-24. doi:https://doi.org/10.14195/2183-5462_33_1
- Laplantine, F. (2004). *A descrição etnográfica*. Traduzido por João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem.
- Malini, F. & Antoun, H. (2013). *A internet e a rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulinas.
- Reznik, L. et al. (2019). *70 anos UERJ: 1950-2019*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Ribeiro, R. (2019) Autonomia universitária em tempos de guerra cultural. *Revista da Faculdade de Direito da UERJ, Rio de Janeiro*, 35(1), pp. 1-20. doi:<https://doi.org/10.12957/rfd.2019.44010>
- Sebastião, S., Vila Verde, D. (2018). Grupos ativistas e as funções de relações públicas: Os casos dos lesadados do BPN e do BES. *Estudos em Comunicação*, 27(1), pp. 151-173. doi:<https://doi.org/10.20287/ec.n27.v1.a10>
- Self, C. (2015). Dewey, the public sphere, and strategic communication. In Holtzhausen, D. R., & Zerfass, A. (Eds.) (2015). *The Routledge handbook of strategic communication*. New York: Routledge. doi:<https://doi.org/10.4324/9780203094440>

- Soariano, C. (2015). Strategic activism for democratization and social change. In Holtzhausen, D. R., & Zerfass, A. (Eds.) (2015). *The Routledge handbook of strategic communication*. New York, NY: Routledge. doi:<https://doi.org/10.4324/9780203094440>
- UerjResiste. (2016). Publicações [Página do Facebook]. Facebook. Acesso em: 14 mar. 2020. Disponível em: <http://www.facebook.com/uerjresiste>.
- Zerfass, A., Verčič, D., Nothhaft, H., & Werder, K. (2018). Strategic communication: Defining the field and its contribution to research and practice. *International Journal of Strategic Communication*, 12(4), pp. 487-505, doi:<http://doi.org/10.1080/1553118X.2018.1493485>

